

## A GRAMÁTICA DA DERIVAÇÃO SUFIXAL: OS SUFIXOS FORMADORES DE SUBSTANTIVOS ABSTRATOS

Erotilde Goreti PEZATTI\*

---

*RESUMO: Este estudo resume-se numa proposta de análise de derivação sufixal na tentativa de suprimir as lacunas deixadas, nesse aspecto, pela abordagem tradicional. São estudados alguns dos sufixos formadores de substantivos abstratos, de acordo com a classe e subclasse de palavras a que se aplica cada sufixo, ordem e posição na estrutura da palavra, produtividade e frequência. Verifica-se que o uso de um ou outro sufixo obedece à norma de acordo com o registro e com a necessidade argumentativa do falante.*

*UNITERMOS: Morfologia; derivação sufixal; sufixo; morfema.*

---

Em artigo anterior, publicado neste mesmo veículo, iniciamos esta série, que talvez até se encerre aqui, cujo propósito essencial é fornecer uma descrição mais acurada da questão relativa ao processo de derivação sufixal em Língua Portuguesa. Já dizíamos naquele artigo que, ao menos aparentemente, o assunto apaixona pouco, se considerarmos o esforço atual da Lingüística em ampliar seu objeto de estudo, dirigindo-se para o texto e seu processo de produção.

Não obstante, esse aspecto da estrutura morfossintática do português contemporâneo falado no país ainda requer e merece investigação. Por um lado, é escassa a bibliografia que trata especificamente desse assunto. Por outro, as gramáticas tradicionais dão-nos uma visão demasiadamente superficial do processo; resume-se a fornecer glossários e descrições sumárias, sem qualquer preocupação com aspectos extremamente importantes do comportamento lingüístico da sufixação, tais como frequência, produtividade, distribuição e uso efetivo do processo pelos falantes.

Acreditamos que é esse um dos motivos tanto deste trabalho quanto do anterior, acima mencionado, mas há ainda uma razão mais forte; demonstrar que a derivação

---

\* Departamento de Letras Vernáculas – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – UNESP – 15055 – São José do Rio Preto – SP.

sufixal é um processo muito produtivo de enriquecimento lexical, tão produtivo que muitas vezes propicia opções de uso que o falante seleciona conforme lhe convém nas circunstâncias de produção discursiva.

Neste trabalho, nossa atenção volta-se especificamente para morfemas sufixais formadores de substantivos abstratos. É bom lembrar que, nesta área de investigação, é pouco provável que qualquer estudo esgote o assunto, em vista da complexidade da gramática da derivação sufixal, nos termos acima referidos. Restringir-nos-emos aos morfemas -ção, -idade, -mento, -ez(a), -ia, -ice/ície, -or, e -ura, tendo a certeza de que essa subclasse é suficiente para que este trabalho contribua um pouco mais para uma abordagem mais apropriada deste processo gramatical, no sentido de suprir lacunas deixadas pelo enfoque tradicional da gramática normativa, quanto à função de cada unidade no sistema lingüístico: embora formem uma subclasse morfológica na estrutura da Língua Portuguesa, e assim são tratados pela gramática tradicional, os morfemas aqui enfocados apresentam diferentes valores semânticos, distribuição diversa, por vezes fixada pela norma, e maior ou menor grau de produtividade e freqüência.

Um ponto ainda a esclarecer, nesta introdução, diz respeito à oposição entre esta abordagem e a tradicional, que consta das gramáticas de tipo Normativo. A necessidade de propor descrições alternativas prende-se ao fato de que são essas gramáticas que conduzem, bem ou mal o processo pedagógico da Língua Portuguesa. Suprir suas lacunas tem um duplo efeito: oferecer uma alternativa descritiva para o aspecto enfocado e, ao mesmo tempo, fornecer um panorama, ainda que parcial, da riqueza disponível; conhecer a complexidade do processo derivacional por sufixação significa também ter à disposição regras mais abundantes de estruturação lexical. Daí a necessidade imperiosa de as gramáticas pedagógicas abandonarem a superficialidade. Mas isso só é possível com o apoio da investigação lingüística.

Três tipos de levantamento servem de suporte metodológico para esta empreitada: primeiramente, um de natureza bibliográfica dirigiu-se à coleta de informações já fornecidas na literatura sobre o comportamento de tais sufixos e o tipo de abordagem empregada; em segundo lugar, levantamento de ocorrências, em duas fases: na primeira, um dicionário de rimas forneceu material para o estudo da classe e da subclasse de palavras a que cada sufixo se aplica, assim como ordem e posição na estrutura das palavras; na segunda fase, o Projeto da Norma Urbana Culta forneceu-nos preciosos dados para verificarmos a freqüência, a produtividade e os valores semânticos de cada elemento sufixal.

## 1. ANÁLISE DOS SUFIXOS

### 1.1. Sufixo -ção/ -são

O morfema -ção remonta ao sufixo latino *-tion(e)*, do sufixo *-ion(e)*, com a integração da consoante do sufixo *-t(u)*. Sua significação básica é exprimir idéia abstra-

ta. Afixa-se a tema verbal e, como se inicia por consoante, não ocorre supressão do índice temático. Cf.:

dura(r) + -ção = *duração*  
 medi(r) + -ção = *medição*

Há, no entanto, dois casos que não seguem tal regra.

Um deles se refere ao paradigma dos verbos de segunda conjugação, que sofrem uma alteração na vogal temática. Ao se adicionar o sufixo, ocorre a regra fonológica de elevação de vogal, quando átona. Assim, a vogal tônica primitiva passa a subtônica depois da sufixação e essa alteração de tonicidade provoca a sua elevação, como podemos observar nos exemplos seguintes:

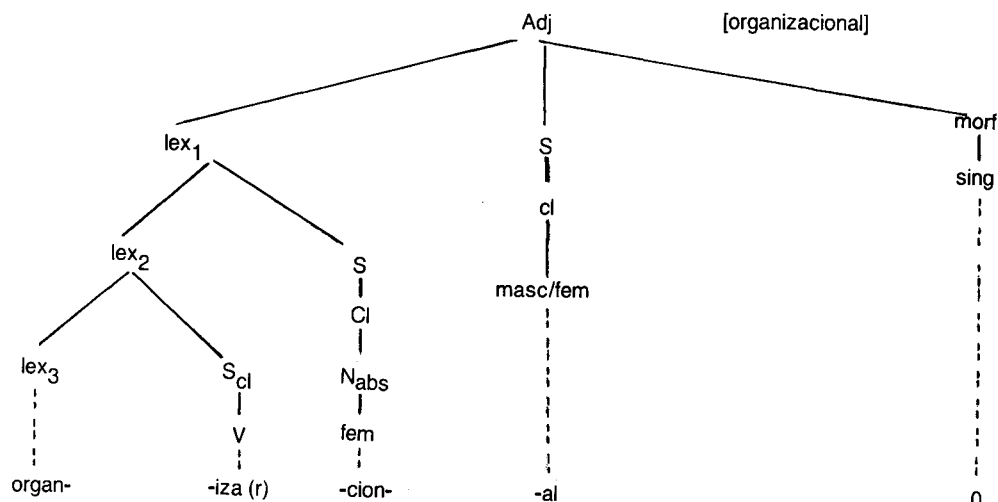
absorve(r) + -ção = *absorvição*  
 perde (r) + -ção = *perdição*

O outro caso diz respeito aos verbos de terceira conjugação, cujo índice temático forma hiato com a última vogal do lexema. Em tais casos há a supressão desse índice no momento em que se agrega o sufixo. Cf. atrair } atração; abstrair } abstração; contrair } contração; construir } construção; evoluir } evolução. Fogem a esta norma os verbos substituir, destituir, restituir, instituir, que se formam com o radical -stituir, e os verbos destruir e atribuir.

O sufixo determina o gênero feminino do substantivo abstrato e permite o acréscimo de outros morfemas derivacionais depois dele, como o sufixo formador de adjetivo -al e o de grau -zinho. Cf. organizacional, correçãozinha.

Com relação a este último, o processo se faz naturalmente, sem alterações morfofonológicas. O mesmo não ocorre na adunção do sufixo de classe -al, que exige a forma teórica /sioN/ para se agregar. Assim: organizar } organização } organizacion + al.

A forma subjacente que normalmente se superficializa em -ção é retomada como alomorfa, quando seguida de outro sufixo iniciado por vogal. Uma palavra como organizacional terá então a seguinte estrutura:



O levantamento efetuado na linguagem oral formal demonstra que este sufixo é muito freqüente, pois do total geral dos dados 55,8%, ou seja, 167, são ocorrências de substantivos abstratos formados por ele.

Constata-se ainda que -ção é um morfema muito produtivo, já que das 167 ocorrências apenas 55, ou seja, 31,7%, são latinismos, sendo a maioria, portanto, de formação vernácula.

## 1.2. Sufixo – idade

Segundo os gramáticos, o sufixo *-dade* tem como origem o sufixo latino *-tati* e forma substantivos abstratos que designam “qualidade, modo de ser, estado, propriedade”, afixando-se a adjetivos (derivados ou não).

Entretanto, a análise do *corpus* levantado no dicionário de rimas permite postular a forma *idade* para o sufixo, e não *-dade*, como afirmam os gramáticos, já que 96,5% das ocorrências apresentam incidência de /i/ enquanto apenas 3,4% não o fazem. É o paradigma dos termos que apresentam travamento silábico em /L/ ou /N/, como *maldade*, *igualdade*, *bondade*, *orfandade*.

Assim considerando, pode-se afirmar que tal sufixo obedece às regras de derivação do português, ou seja, afixa-se a tema nominal ocasionando a supressão do índice temático, seja ele *e* ou *o*, como nos atestam os exemplos:

denso + idade = *densidade*  
grave + idade = *gravidade*

Nos atemáticos, ou melhor, nos nomes que apresentam a sílaba final travada, essa regra não se aplica.

ágil + idade = *agilidade*  
angular + idade = *angularidade*  
atroz + idade = *atrocidade*  
afim + idade = *afinidade*

Com os nomes terminados pelo ditongo crescente *-io*, o fenômeno é um pouco mais complexo: há a supressão do índice temático, mas a vogal inicial do morfema sufixal sofre o processo de dissimilação regressiva:

sério + idade = *seriedade*  
vário + idade = *variedade*

A alguns nomes aplica-se uma regra de haplologia com a adição do morfema derivacional:

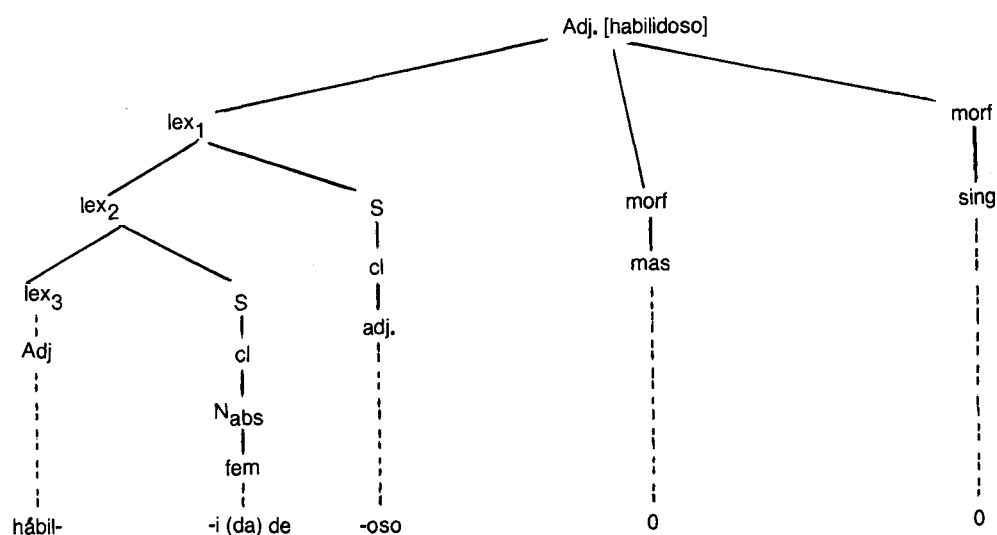
válido + idade = *valididade* } *validade*  
 humilde + idade = *humildidade* } *humildade*

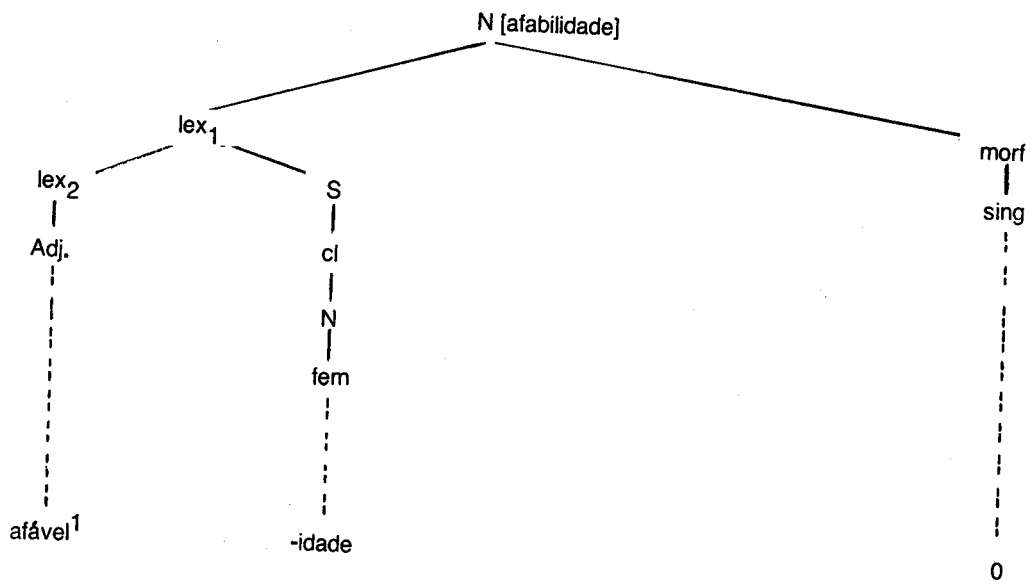
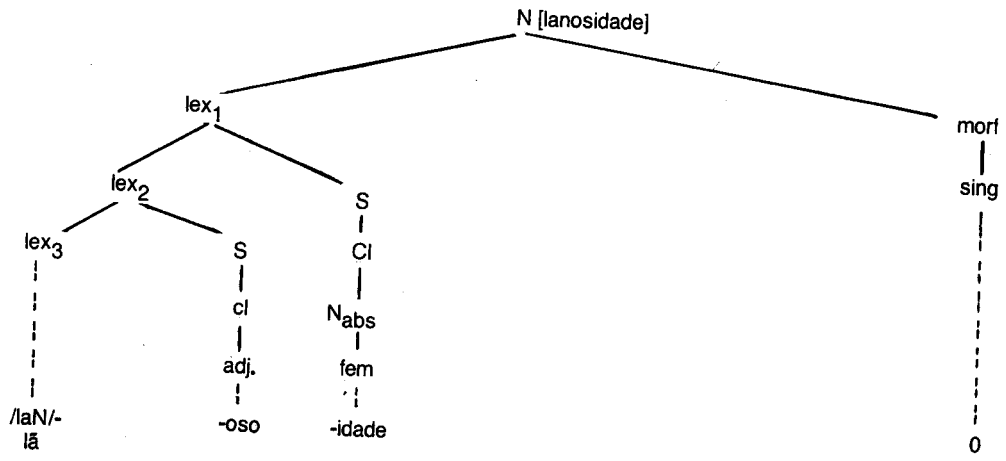
Os dados mostraram ainda que nem sempre tal morfema se agrega a adjetivos, como atestam as gramáticas: há também casos de afixação a substantivo e a numeral, conforme os exemplos:

ânsia (N) + idade = *ansiedade*  
 cúmplice (N) + idade = *cumplicidade*  
 dúplice (Numeral) + idade = *duplicidade*

Observa-se também que nem sempre o sufixo *-idade* empresta ao tema nominal o traço abstrato, dando-lhe, às vezes, o traço oposto e até mesmo o de coletivo. É o que se observa em *edilidade* (edil + idade), *sociedade* (sócio + idade), *comunidade* (comum + idade), *localidade* (local + idade), *humanidade* (humano + idade).

A posição que esse sufixo ocupa na estrutura da palavra é tanto final quanto medial, admitindo, portanto, afixos antes e depois dele, como se observa em *lanosidade*, *habilidoso* (com haplologia) e *afabilidade*.





Apresenta alta frequência, ou seja, 19,8% das ocorrências do *corpus* analisado, o que lhe dá o segundo lugar na escala dos sufixos mais empregados, e também grande produtividade, uma vez que, do total de ocorrências (58), 82,7% é de formação vernácula, restando apenas 17,2% como empréstimo (geralmente do latim).

### 1.3. Sufixo -mento

Este morfema originou-se da forma latina *-mentum*, que tinha função resultativa instrumental ou coletiva, hoje expressa pela forma feminina *-menta* (cf. *ferramenta*, *vestimenta*). – *Mento* adquiriu pouco a pouco um significado mais geral e mais abstrato, de “ação ou resultado de ação”, podendo algumas vezes adquirir o traço [-abstrato], como se observa em *medicamento*, *fardamento*, *ligamento*, que predomina nos empréstimos do latim ou do francês [Cf. *condimento*, *instrumento* (do latim), e *apartamento*, *compartimento* (do francês)].

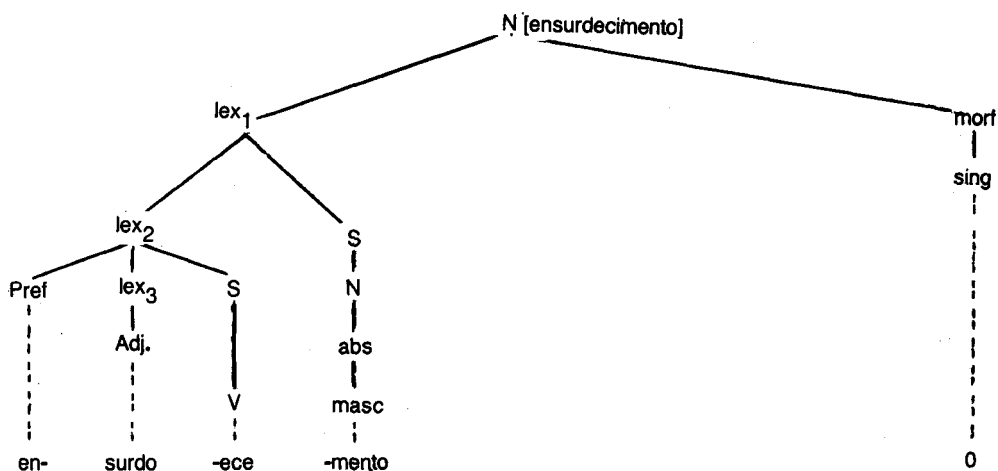
Ao aplicar-se a regra de adição do sufixo, o tema verbal conserva o índice temático, como ocorre em outros casos em que o sufixo se inicia por consoante. Quando se trata, porém, de verbos pertencentes ao paradigma de 2ª conjugação, ocorre regra morfofonológica de elevação do índice temático: ao perder tonicidade com o acréscimo do sufixo eleva-se a vogal média /e/:

*rompimento* (rompe(r) + mento)

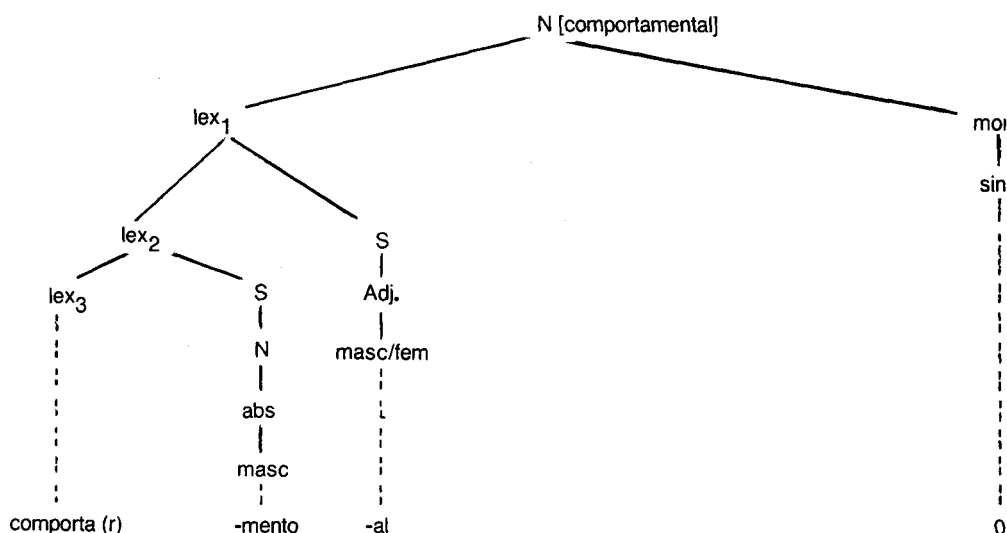
*ensurdecimento* (ensurdece(r) + mento)

Na estrutura da palavra, a posição ocupada por esse sufixo é sempre imediatamente depois do tema verbal.

Assim:



Admite-se apenas um sufixo depois de si, em algumas palavras. É o sufixo formador de adjetivo *-al*, que se agrega a palavras como: *ornamento*, *regimento*, *sentimento*, *comportamento*.



Quanto à frequência, verifica-se que esse sufixo ocupa o terceiro lugar na escala, com 10% das ocorrências e, ainda, que é muito produtivo na língua, já que 86,6% são ocorrências de formação vernácula e apenas 13,5% empréstimos (do francês ou do latim).

#### 1.4. Sufixo *-ia*

Como o antigo sufixo átono latino *-ia* em certa época deixou de ser produtivo, substituiu-o o homófono grego *-ia*. Está aí a origem dessa forma sufixal que deriva nomes substantivos geralmente de adjetivos que exprimem atributos morais. Isso não impede a sua adjunção a morfemas lexicais substantivos e também, em menor número, a verbais. Assim, ao lado de *alegria*, *covardia*, *cortesia* (tema adjetivo) há *baronia*, *mancebia* (tema substantivo) e *valia*, *travessia* (verbal). A afixação obedece à regra geral de derivação de português, ou seja, por ser um sufixo que se inicia por



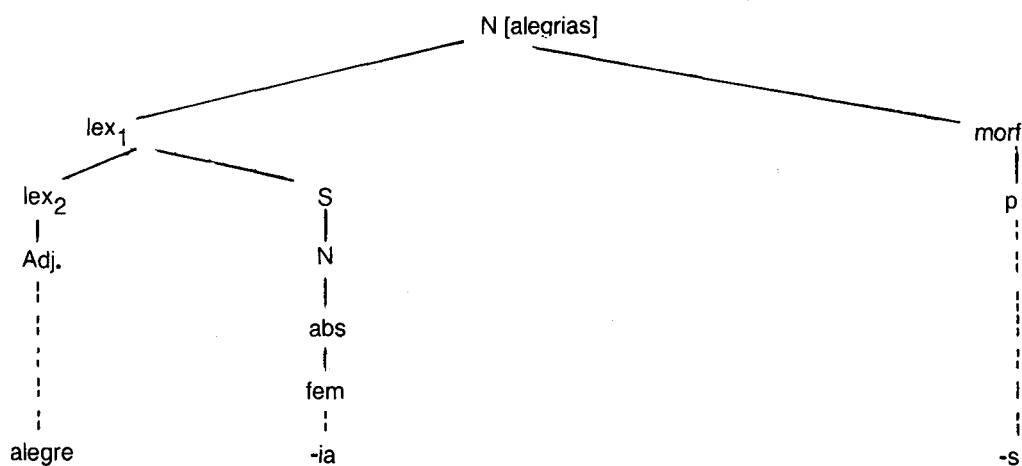
vogal, ao se juntar ao tema provoca a supressão do índice temático, quando ele existe, seja nominal ou verbal:

franco + ia = *franquia*  
 rebelde + ia = *rebeldia*  
 burguês + ia = *burguesia*  
 glutão/glutoN/ + ia = *galutonia*  
 vale(r) + ia = *valia*

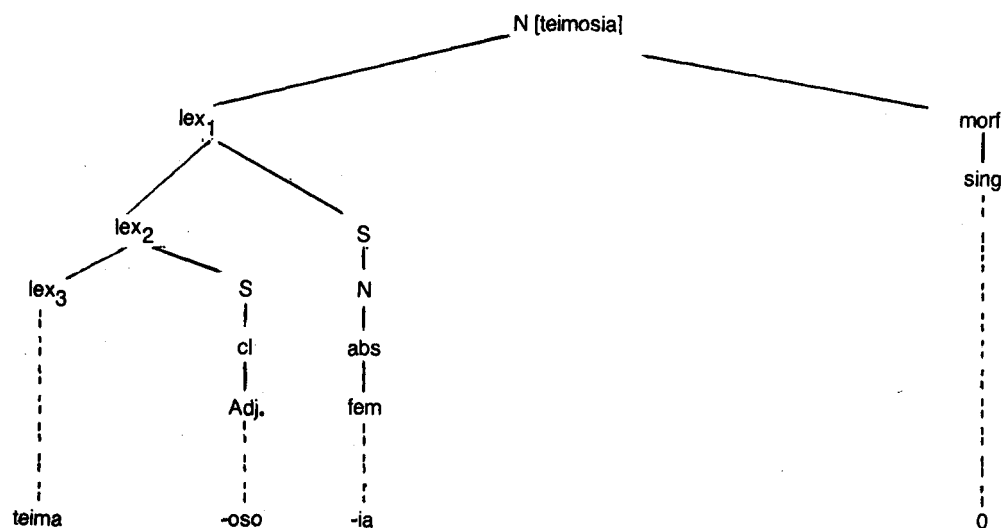
Os valores semânticos que tal sufixo empresta aos nomes abstratos são, em geral, qualidade, propriedade e estado (*alegria, covardia*), mas podem indicar também cargo ou função (*baronia, reitoria*) e coletivo, caso em que se perde o seu caráter abstrato. Cf. *moradia, penedia*.

Convém observar que há empréstimos ou neologismos, como *pneumonia e hipertermia*, criados geralmente com a junção de radicais gregos ou latinos, pertencentes à linguagem científica. Correspondem a 78,6% do *corpus* analisado, número extremamente surpreendente, já que apenas 21,3% correspondem ao processo normal de derivação do português, ou seja, à base lexical vernácula adiciona-se o referido sufixo.

Ocupa a posição imediatamente posterior ao tema nominal ou verbal, sem qualquer possibilidade de nova afixação, a não ser o morfema flexional, como *alegrias*.



Em *teimosia* tem-se *teima* + *oso* = *teimosos* e *teimoso* + *ia* = *teimosia*.



Na escala de freqüência e produtividade, esse sufixo ocupa o quarto lugar, com um total de 5,3% das ocorrências.

Seu uso é mais afeito à linguagem científica, ou seja, 68,7% das ocorrências se referem a nomes compostos por radicais estrangeiros, assimilados pela linguagem médica, ficando apenas 18,7% e 12,5%, respectivamente para empréstimos e formação vernácula. Portanto, sua produtividade e freqüência se limitam a uma modalidade específica de linguagem.

### 1.5. Sufixo -agem

Segundo Piel (11, p.214), esse sufixo se origina da forma francesa *-age* que, por sua vez, vem do latim *atico*; adaptou-se à estrutura da língua portuguesa na Idade Média, por analogia ao paradigma já existente de palavras em *-agem*, que remontam ao sufixo latino *-ago*, como *farragem*, *sartagem*, *soagem*, *imagem*, *voragem*. As palavras derivadas conservaram o gênero feminino da antiga.

Para os gramáticos, a sufixação se aplica a substantivo abstrato derivado de outro substantivo. O levantamento mostra, entretanto, que a afixação pode-se efetuar a tema verbal (Cf. *lavagem*, *molhagem*, *abordagem*, *montagem*) e até mesmo a adjetivos (Cf. *vadiagem*, *vagabundagem*). Por conseguinte, é possível afirmar que, além dos poucos empréstimos do francês (cf. *coragem*, *homenagem*, *vantagem*, *corretagem*), tal morfema se agrega a tema nominal (substantivo ou adjetivo) e a verbal, observando a regra geral de sufixação do português:

frio + -agem = *friagem*;  
 vadio + -agem = *vadiagem*;  
 malandro + -agem = *malandragem*;  
 lava(r) + -agem = *lavagem*;

No caso dos nomes em -ão<sup>2</sup>, o acréscimo do sufixo se faz na forma teórica:

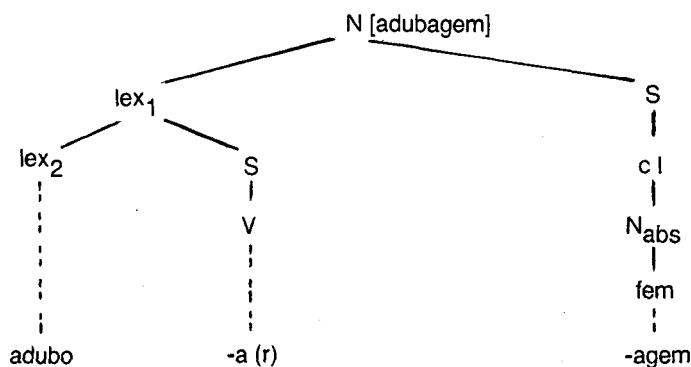
vilão/vilaN/ + -agem = *vilanagem*

O fato de haver palavras como *molhagem*, *lavagem*, incontestavelmente derivadas de verbos, permite afirmar que, sempre que se adiciona a tema verbal, o nome derivado contém necessariamente o traço [+ abstrato]; adicionado todavia a um tema nominal, a regra sufixal conduz ao traço semântico [-abstrato, + coletivo] (Cf. *folhagem*, *faxagem*, *ferragem*).

A análise das ocorrências possibilita constatar que o nome abstrato resultante do processo de sufixação de -agem pode ter dois traços semânticos diferentes: estado/propriedade ou ação (atividade, ato) que parecem estar ligados ao tema. Os derivados de tema nominal indicam estado ou propriedade (Cf. *camaradagem*, *friagem*, *estiagem*, *vagabundagem*), enquanto os derivados de tema verbal indicam ação ou resultado de ação (Cf. *adubagem*, *cilindragem*, *moagem*, *abordagem*).

Há alguns nomes derivados de tema verbal que se distribuem, na realidade, em duas classes, conforme contenham o traço semântico *ação* ou *resultado de ação*. Como resultado de ação, perdem o traço semântico [+abstrato] em favor do oposto: assim *tatuagem*, em frases como “A tatuagem de seu braço é realmente interessante”, é exemplo dessa classe de substantivo concreto indicando resultado de ação. Essa subclasse não compromete, todavia, a regra geral acima mencionada.

A maioria das ocorrências deriva de verbos e o processo de derivação ocorre em dois estágios: substantivo concreto } verbo } substantivo abstrato (com -agem): *adubo* } *aduba(r)* } *adubagem*, conforme o diagrama:



Quanto à posição na estrutura da palavra, o sufixo *-agem* ocorre sempre depois do tema (verbal ou nominal), com a conseqüente supressão do índice temático: *pilha(r) + -agem = pilhagem*; *gatuno + -agem = gatunagem*. Não admite aplicação adicional de regra de sufixação a não ser, muito raramente, a de flexão de número como em: “As *lavagens* de carro são sempre demoradas”.

Embora ocupe o quinto lugar na escala de freqüência, deve-se considerá-lo produtivo, já que a ocorrência de formação vernácula atinge 75% dos casos contra apenas 25% de empréstimos.

### 1.6. Sufixo *-ura*

*-Ura*, originariamente, não é um sufixo mas sim a terminação dos abstratos verbais em *-tura*, *-sura*. O emprego de *-ura* como sufixo independente parece dever-se a uma análise equivocada das palavras em *-tura*, *-sura*, às quais correspondiam adjetivos em *-us* tirados do mesmo tema, daí a impressão de que o substantivo abstrato em *-ura* é derivado de adjetivo em *-us*. Assim, *-ura* tornou-se autônomo para formar nomes abstratos derivados principalmente de verbos que exprimiam uma atividade material. Isso fez com que o traço abstrato próprio de nomes de ação fosse substituído com facilidade por seu oposto resultativo e até coletivo (Cf. *armadura*, *atadura*, *fechadura*, *rachadura*).

Esse morfema se aplica também a temas nominais para indicar qualidade ou estado, podendo também, nesses casos, adquirir o traço concreto. Desse modo, ao lado de *frescura*, *brancura*, *largura*, há *gordura* e *verdura* que podem ser concretos ou abstratos.

Do corpus levantado constatamos que 54,5% das ocorrências são derivadas de tema verbal, 22,5% de tema nominal (adjetivo ou substantivo), e 22,9% são empréstimos.

O processo de derivação de tema nominal obedece à regra geral do português, com a supressão do índice temático. Convém observar que o *corpus* não registra o presente sufixo aplicado a nomes atemáticos.

Assim:

alto + *-ura* = *altura*  
 quente + *-ura* = *quentura*  
 fino + *-ura* = *finura*

Se a regra de derivação aplica-se a tema verbal, o morfema passa a apresentar dois alomorfes *-dura* e *-tura*, sendo o primeiro muito produtivo (87% das ocorrências). Com o morfema *-ura*, a derivação segue o processo normal, com a supressão do índice temático, conforme:

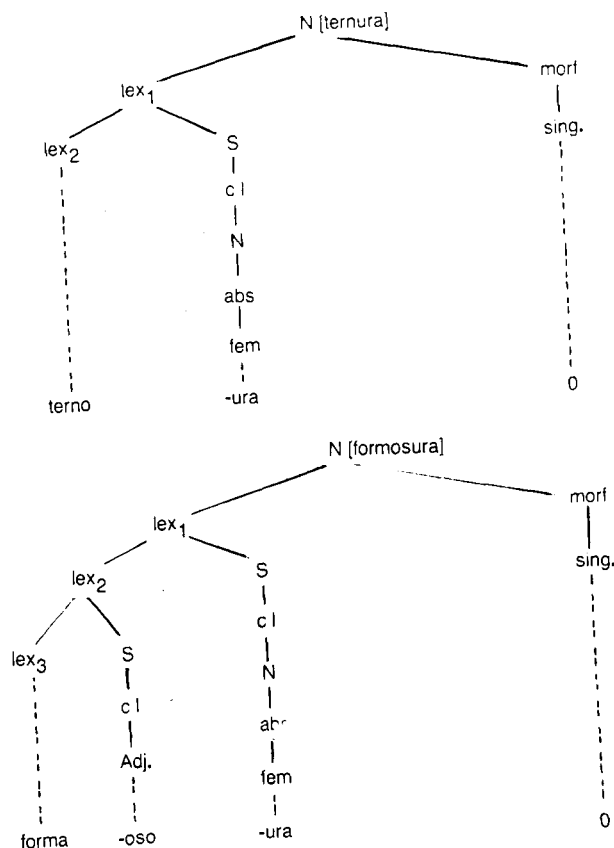
unta (r) + -ura = *untura*  
 ferve(r) + -ura = *fervura*

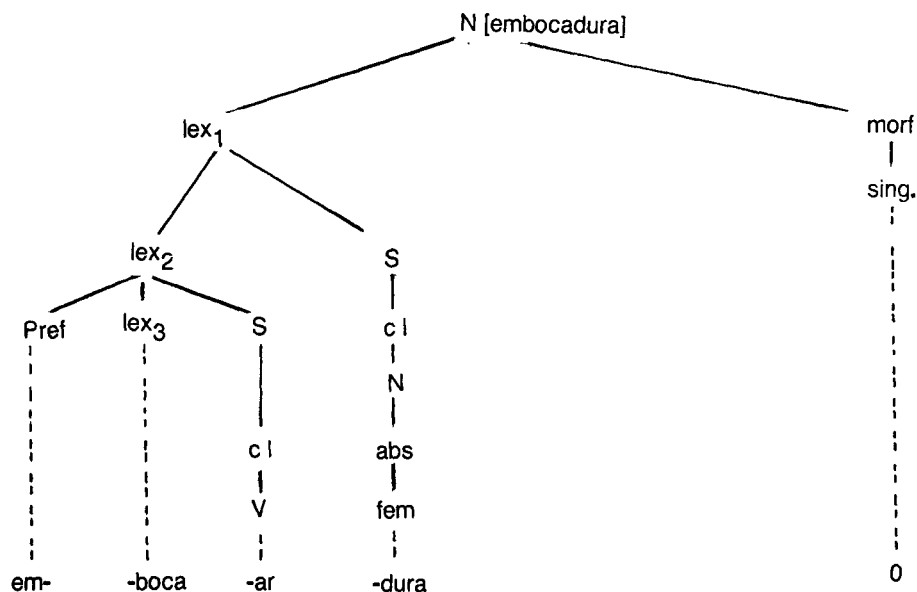
Já com os alomorfes acima citados, o índice temático permanece:

queima (r) + (d)-ura = *queimadura*  
 torce (r) + (d)-ura = *torcedura*  
 assina (r) + (t)-ura = *assinatura*  
 abrevia (r) + (t)-ura = *abreviatura*

Não há uma distribuição complementar entre *-dura* e *-tura*, apesar da predominância do primeiro.

Quanto à posição que ele ocupa na estrutura da palavra, constata-se que tanto pode vir logo depois do tema primitivo verbal ou nominal, quanto pode aparecer depois de um morfema derivacional, formador de adjetivo (cf. *formosura*) ou de verbo (cf. *embocadura*).





O sufixo em pauta ocupa o sexto lugar (3,3%) na escala de frequência e é pouco produtivo na língua, já que 70% de suas ocorrências são latinismos e apenas 30%, formação vernácula.

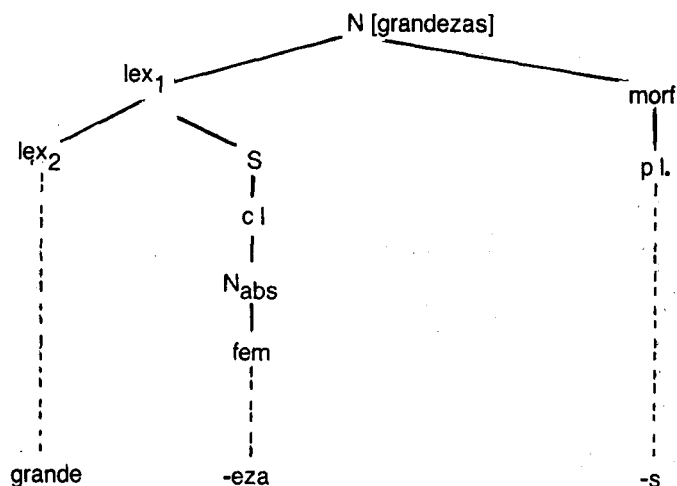
### 1.7. Sufixo -ez(a)

O morfema sufixal *-ez(a)*, que tem origem nas formas latinas *-itia*, *itie*, indica 'qualidade', 'propriedade', 'estado' e 'modo de ser'. Afixa-se a nomes adjetivos simples, provocando a supressão da vogal temática, quando ela existe. Assim:

baixa + *-eza* = *baixeza*  
 grande + *-eza* = *grandeza*  
 vil + *-eza* = *vileza*

Algumas vezes o nome resultante perde o traço [+ abstrato], como se observa em *fortaleza* e *natureza*. Como aquele é um empréstimo do francês, não há, em português, o nome adjetivo correspondente *\*fortal*, por exemplo. Já *natureza* constitui exceção à regra geral de aplicação do morfema derivacional a nomes adjetivos, já que, nesse caso, o sufixo se aplica a um tema nominal substantivo.

Quanto à ordem e posição que esse morfema pode ocupar na estrutura da palavra, verifica-se que vem imediatamente depois do tema, não admitindo nenhum outro morfema sufixado, a não ser o flexional de plural. Neste caso, o nome adquire o traço concreto, como, por exemplo, *grandezas*.



Contrariando as expectativas, o levantamento nos mostra que tal morfema sufixal é pouco freqüente, já que teve uma ocorrência de apenas 2% do número total de nomes abstratos. Apesar disso, cabe lembrar que o total de ocorrências é de formação vernácula, não se registrando nenhum empréstimo com o referido morfema.

### 1.8. Sufixo *-ice*, *-ície*

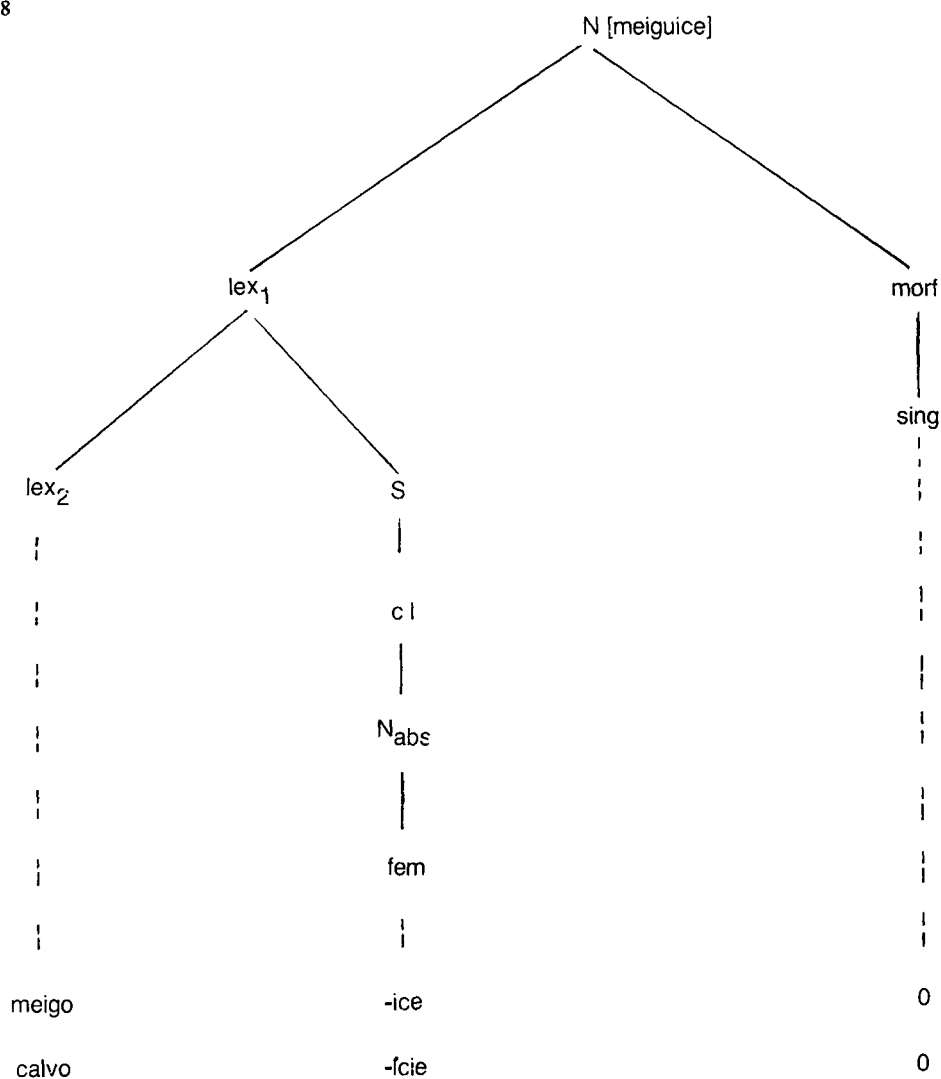
A origem dessas formas é um pouco obscura; provavelmente derizam do sufixo latino *-iti(e)*, que também originou *ez(a)*. Seriam, portanto, irmãos de idades diferentes, ou seja, *-ez(a)* é forma mais tradicional, *-ice*, semi-erudita, teria vindo do latim médio e *ície* francamente erudita.

*-Ice* junta-se geralmente a nomes que exprimem propriedades negativas do tipo moral ou mental. A noção pejorativa tanto pode ser traço semântico do próprio morfema lexical quanto do sufixal (cf. *burrice* e *criançaice*).

*-Ície* é menos produtivo, existindo apenas em palavras alatinadas como: *calvície*, *plantície*, *sordície*, *canície*.

O processo de derivação obedece à regra geral de sufixação, com a supressão do índice temático, quando ele existe: *doido* + *-ice* = *doidice*; *cã /KaN/* + *-ície* = *canície*.

Ocupam sempre a posição imediatamente posterior ao tema, não havendo possibilidade de nova afixação.



Obs.: O *corpus* registra algumas palavras em *-ice* que parecem ter sido derivadas de tema verbal, uma vez que não há nenhum nome correspondente: *alcovitice* (alco-  
vitar + ice), *coscuvilhice* (coscuvilhar + ice), 'fazer intriga', *paparrotice* (paparrot-  
tear + ice), e *trapalhice*. Este parece ter-se derivado de *trapalhão*, cuja origem, por  
sua vez, teria sido *atrapalhar* + *ão* com aférese do a. *Ladroice*, por outro lado, sofre  
o processo de desnasalização com a junção das vogais *o* (do tema) e *i* (do sufixo), tal  
como ocorre em *ladroagem*.



Há ainda algumas formas que, de um ponto de vista rigorosamente sincrônico, não seguem o processo geral de derivação da língua portuguesa: *parvoíce* (que pode ser explicado tomando sua forma arcaica *parvoo* + *-ice*, com a supressão normal do índice temático, ou seja, a segunda vogal geminada) e *sandice* (que perde o ditongo final, não só a vogal temática).

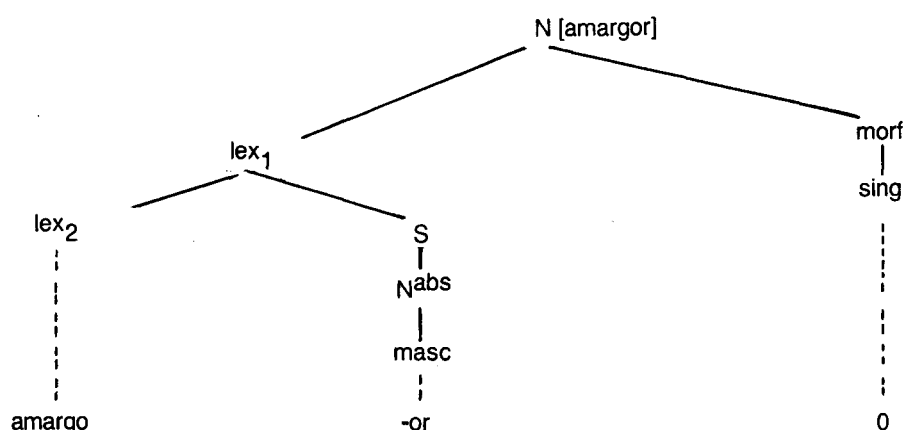
Com o *corpus* tomado como base de critério para índice de produtividade e frequência não registra ocorrência desse morfema derivacional, é possível deduzir que, pelo menos na modalidade oral padrão, tanto é pouco frequente quanto de baixa produtividade.

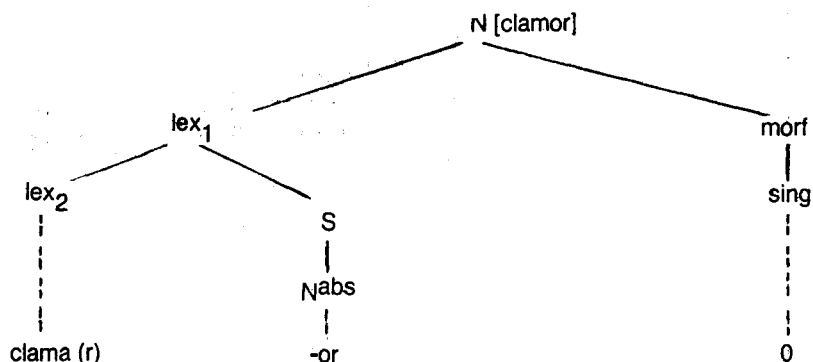
### 1.9. Sufixo -or

O sufixo *-or* era, a princípio, próprio dos temas verbais. Como, porém, havia nomes abstratos em *-or*, com formas adjetivas correspondentes em *-us*, era possível interpretar aquela como derivada desta, e criar-se, por falsa analogia, novos nomes abstratos derivados de adjetivos em *-us*. Assim, têm-se alguns abstratos formados de adjetivos (14,8%), outros de verbos (10,6%), mas a maioria (74,4%) corresponde a substantivos já existentes no latim. São latinismos, portanto.

Segundo Piel (11), os derivados de nomes adjetivos por sufixação de tal morfema têm existência precária e sabor literário, tendo vindo de além Pirineus como empréstimos, sendo verdadeiramente vivas as formas equivalentes em *-ura* e *-idão*.

O processo de sufixação se aplica de acordo com a regra geral, com supressão do índice temático; louva(r) + or = *louwor*, fresco + or = *frescor*; e sua posição é sempre imediatamente posterior ao lexema:





O sufixo *-or* é de pouquíssima freqüência e baixa produtividade na modalidade oral culta; comprova-o não haver nenhuma ocorrência dele no *corpus* levantado para se lhe determinar a freqüência e a produtividade.

## 2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Confrontando-se os resultados obtidos pela análise dos morfemas sufixais enfocados, constata-se que, embora a maioria deles tenha origem latina, é possível que alguns nos tenham chegado por via indireta como empréstimos (cf. *-agem*, oriundo do francês). Somente o sufixo *-ia* tem origem grega, em substituição ao latino *-ia*, que desaparecera devido a sua atonicidade.

Dos nove morfemas derivacionais analisados, dois deles, *-ção* e *-mento*, afixam-se apenas a tema verbal: *-idade*, *-eza*, *-ice/icie* agregam-se apenas a tema nominal (seja adjetivo, substantivo e até numeral), já *-ia*, *-agem*, *-ura* e *-or* tanto podem juntar-se a nomes quanto a verbos.

Como afirma Câmara Jr. (4), os nomes abstratos derivados de adjetivo indicam qualidade, os de verbo exprimem ação. Assim *-ção* e *-mento* apresentam-se francamente como abstratos de ação em contraposição a *-idade*, *-eza* e *-ice/icie* que indicam qualidade. Para exemplificar, considerem-se os termos *criação* e *criatividade*, ambos abstratos derivados do mesmo tema *cria(r)* tendo, portanto, o mesmo significado "dar existência a, tirar do nada, dar origem, gerar, formar". Entretanto, o primeiro expressa *ação*, o ato de criar porque derivado diretamente do verbo, enquanto o segundo indica *estado*, a qualidade de criar, uma vez que tem como lexema o adjetivo *criativo* já derivado do verbo.

Os sufixos *-ção* e *-mento*, que derivam substantivos de temas verbais, parecem ter a mesma distribuição, ou seja, são variantes lexicais de natureza livre ou estilística. Não há, por exemplo, diferença entre *internação* e *internamento*: cf. a frase "O mé-

dico pediu que se fizesse o *internamento* (a *internação*) da paciente hoje”; ou entre *rolamento* e *rolagem* em contexto do tipo: “O *rolamento* (a *rolagem*) da dívida”; ou, ainda, em *reaparelhamento* e *reaparelhagem*: “A invenção iria obrigar o *reaparelhamento* de todos os cinemas existentes” e “A *reaparelhagem* de todos os cinemas era algo muito custoso”.

Apesar desses casos excepcionais, nota-se que no processo de derivação, no âmbito de uma mesma classe, há diferenças de emprego de um ou de outro sufixo. A norma, no sentido amplo que lhe atribui Coseriu (6), impõe restrições de uso que, em alguns casos, podem conduzir à especialização semântica do morfema sufixal. As formas *-eza* e *-idade* constituem casos exemplares: embora a regra de derivação seja a mesma, ao aplicar-se a temas nominais de que se derivam substantivos abstratos de adjetivos, os nomes daí resultantes não têm a mesma distribuição sintática no sintagma nominal, porque não são semanticamente equivalentes. Assim, *clareza* se aplica a nomes que apresentam o traço *mental*, conforme “clareza de idéias”. “Clareza de idéias” seria agramatical. *Clareza* contém traço concreto, conforme “clareza da sala”, “clareza do luar”.

Há ainda outras séries com um comportamento morfossintático e semântico similar. Nos paradigmas *abrimento/abertura* -*abrição* e *fechamento/fechadura/fechação*, constata-se que o tema verbal permite a adjunção de três morfemas sufixais. Poder-se-ia afirmar, em termos coserianos, que essa possibilidade de adjunção está prevista no sistema. É o mesmo tipo de regra geral e funcional que deveria permitir, por exemplo, *desfeliz* e *incontente*, ao lado dos já aceitos *infeliz* e *descontente*. É a norma que dirige a escolha de um e não de outro, nesse caso específico, e em outros institucionaliza o uso em função de certas situações comunicativas, atribuindo a cada qual uma função específica. Nas séries acima mencionadas, o termo não-marcado é certamente o nome em *-mento*, se o foco da análise for o traço abstrato. No caso específico dessas séries, *-ura* perde-o: *fechadura* e *abertura* são indubitavelmente nomes concretos, como se verifica nos sintagmas “fechadura enquiçada” e “abertura de parede”. Somente numa extensão metafórica, em contexto sintagmático como “abertura política”, o termo em apreço pode recuperar o traço abstrato.

Resta, então, *-ção* como termo marcado do par que mantém o traço abstrato, implicado no de ação. Ganha, entretanto, um traço semântico novo, inédito, que é o sentido aspectual de reiteração, mas reiteração exagerada, no registro distenso da modalidade oral, como se pode observar em sentenças como: “Pare com essa *fechação* de portas!” ou “Mas que *abrição* de boca!”.

Em situações discursivas, como as descritas, parece haver uma regulamentação normativa entre os usuários que, por um lado, cria um subsistema operacional em que cada unidade possibilitada pelo sistema de regras de derivação da língua adquire uma função específica na prática discursiva; por outro lado, impõe o emprego de *-ção* em detrimento dos outros morfemas formadores de nomes abstratos, conforme reforçam os dados levantados no Projeto NURC: 55,8% das ocorrências são derivadas pela adjunção desse morfema sufixal, que é o mais frequente e produtivo na modalidade oral culta.

Analisando-se o subsistema de morfemas derivacionais como um todo, constata-se que a outra metade se subdivide entre os sufixos *-idade*, que é relativamente freqüente (19,3%), seguido de *-mento*, com 10%; *-ia*, com 5,3%; *-agem*, com 4% das ocorrências e os menos freqüentes *-ura* (3,3%) e *-ez(a)* (2%).

É interessante observar ainda que, no levantamento de ocorrências da linguagem falada culta, *-çãa* apesar de ter maior freqüência, apresenta um grande número de empréstimos (31,7%), enquanto *-mento* é menos freqüente, mas possui apenas 13,3% de empréstimos.

Esses dados reforçam o que se afirmou acima: *-mento* é o sufixo não marcado, por isso apresenta grande número de formação vernácula (86,6%), mostrando-se muito produtivo num determinado tipo de linguagem: a linguagem formal (neutra); *-çãa* é mais freqüente devido mesmo à sua versatilidade: é erudito (já que a grande maioria dos empréstimos é do latim), é gramaticalmente regular (forma substantivos abstratos de acordo com as regras morfofonológicas do português) e semanticamente produtivo. Serve, portanto, a várias situações, por isso carrega o *status* de sufixo mais produtivo na formação de substantivos abstratos a partir de verbos.

Quanto à derivação a partir de nomes, o sufixo *-idade* mostrou ser o mais freqüente e o mais produtivo, com 82,7% de formação vernácula e 17,2% de empréstimos, embora seu concorrente *-eza*, com menor freqüência, apresente 100% de formação vernácula.

Os que se agregam tanto a lexemas verbais quanto nominais – *-ia*, *-agem* e *-ura* – mostram uma freqüência menor, sendo 5,3%, 4% e 3,3% respectivamente.

Com relação à ordem e posição dos sufixos na estrutura do vocábulo, observamos que os sufixos *-ia*, *-eza*, *-ice/lcie* e *-or* juntam-se a temas primitivos nominais e verbais, enquanto *-agem*, *-çãa*, *-idade*, *-mento*, *-ura* são afixados a radicais primitivos ou derivados, ou seja, admitem um sufixo de classe antes de si: *-mento* e *-çãa* admitem sufixos formadores de verbo; *-idade*, *-ura* sufixos que originam adjetivos. *-Ia*, *-agem*, *-ura*, *-eza*, *-ice/lcie* são sufixos que não admitem outros depois de si. Já *-çãa*, *-idade*, *-mento*, *-or* permitem a presença de outros sufixos de classe seguindo-os.

Tais dados revelam que produtividade está também relacionada com flexibilidade dos sufixos na estrutura da palavra, uma vez que os sufixos menos produtivos – *-ia*, *-eza*, *-ice/lcie* e *-or* – são mais rígidos, só se fixando a lexemas primitivos, não permitindo nova regra de sufixação, enquanto os mais produtivos – *-çãa*, *-idade*, e *-mento* – são maleáveis: juntam-se a temas primitivos e derivados e articulam-se com outros sufixos.

Conclui-se então que a gramática da derivação sufixal é um tanto complexa, já que implica aspectos semânticos e pragmáticos. Tal processo, assim como outros, merece sempre uma abordagem mais sistemática de suas regularidades, tendo por finalidade o desenvolvimento de uma prática pedagógica que explore com mais eficácia o potencial de que dispõe o sistema gramatical da Língua Portuguesa.

## NOTAS

1. O acréscimo do sufixo *-idade* provoca alterações morfofonêmicas no sufixo formador de adjetivo *-vel*, que toma a alomorfa erudita *-bil*.
2. *Ladragem*, a princípio, parece fugir a tais regras, mas tem explicação no fenômeno da desnasalização, que ocorre quando há a junção da vogal *o* do tema nominal /la'droN/ com a vogal inicial do sufixo. Tal fenômeno é comum em português. Cf. *algodoal* (/algo'doN + al)

---

PEZATTI, E. G. – The grammar of suffix derivation: The abstract noun forming suffixes. *Alfa*, São Paulo, 34: 153-174, 1990.

*ABSTRACT: This study is a proposal of analysis of suffix derivation, in an attempt to fill the gaps left by traditional approach. Some noun forming suffixes are studied, according to the word class or subclass to which each suffix is applied, besides order and position in the structure of the word, productivity and frequency. It was verified that the use of one or the other suffix complies with the rule in accordance with the register and the argumentative necessity of the speaker.*

*KEY-WORDS: Morphology; suffix derivation; suffix; morpheme.*

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARROS, E. M. – *Nova gramática da língua portuguesa*. São Paulo, Atlas, 1985.
2. BECHARA, E. – *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo, Nacional, 1966.
3. CÂMARA Jr., J. M. – *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro, Organização Simões, 1953. p.87-91.
4. CÂMARA Jr., J. M. – *Dicionário de lingüística e gramática*. Petrópolis, Vozes, 1977.
5. CÂMARA Jr., J. M. – *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1979.
6. COSERIU, E. – Sistema, Norma e Fala. In: *Teoria da linguagem e lingüística geral*. Trad. Agostinho D. Carneiro. Rio de Janeiro, Ed. Presença/EDUSP, São Paulo, 1979. p.13-85.
7. COUTINHO, I. de L. – *Gramática histórica*. Rio de Janeiro. Ao livro Técnico S. A., 1976.
8. CUNHA, C. F. da – *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, MEC/FENAME, 1975.
9. GOES, C. – *Dicionário de affixos, desinências e outros elementos de composição*. Belo Horizonte, F. Briguiet, 1913.
10. LIMA, C. H. da R. – *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1972.
11. PIEL, J. M. – *A formação de substantivos abstratos em português*. *Biblos* (revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), 16 (1): 209-237, 1940.

*Alfa*, São Paulo, 34: 153-174, 1990.

12. OLIVEIRA, A. M. P. P. de – O morfema sufixal -ino. *Estudos lingüísticos*, 11(2): 238-245, 1985.

Para levantamento do *corpus*

13. CASTILHO, A. T. & PRETI, D. (org) – A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: materiais para seu estudo Projeto NURC). São Paulo, T. A. Queiroz, 1986. Vol. I Elocuções formais.
14. LIMA, C. – *Dicionário de rimas*. Poti, Lelo, s/d.